

A BORBOLETA

LA PLUMA

Pluma blanca cual la nieve
Que girando, que volando
Lleva el viento leve... leve
Ya subiendo, ya bajando,
Ya te acercas, ya te alejas;
Mas cojerte no te dejas?
¿De que ala desprendida,
De que nido arrebatada,
Vás errante, vás perdida
Sin descanso atormentada,
Vás sin rumbo, vás sin guía
En la noche oscura y fria?
Son mis sueños d'esperanza
Cual tu fueras, blancos, leves;
Sin descanso, sin bonanza
Vagan, huyen, pasan breves:
Ya tenaces reaparecen...
Ya cual humo desvanecen.

JOSE ZAHONERO.

Lisboa.

O QASSIDA E O GHAZEL

I.—Na poetica dos persas—metrica esplendorosa e arrobadora—avultam como principaes duas formas rhythmicas.

São o *qassida* e o *ghâzel*, correspondentes entre nós á *ode encomiastica* e á *ode amatoria*.

II.—No *qassida*, decantam-se em geral os louvores d'um principe, e exalçam-se as qualidades d'uma pessoa distincta.

Descrevem-se em consonancias feitiçeras as virtudes do encomiado.

III.—O abuso d'esta forma rhythmica, usada dos turcos á semelhança dos persas, fez do *qassida* um panegyrico banal—«tributo da humiliação interesseira á vaidade orgulhosa».

Os arabes—na sua metrica predilecta—substituiram-no pelo *abú-l-ola* e pelo *motanêbbi*, como tambem os mesmos persas o substituiram pelo *anwêri* e pelo *saâdi*.

IV.—No *ghâzel*, entremeiam-se frequentemente sentenças poeticas—hauridas na religião e na philosophia, e sobretudo na moral.

Não é no entanto forma rhythmica exclusiva da poetica dos persas.—E' da metrica orientalista em geral.

V.—Conforme os preceitos dos poe-

tas ritualistas, não deve haver no *ghâzel* mais de 18 *beits*.

Com numero maior de *distichos*, assume então a poesia o nome de *qassida*.—E' uma elegia.

Com menos de 5 *beits*, dá-se ao *ghâzel* o nome de *rebâiyat*.—E' um quarteto.

VI.—Aos dois primeiros versos d'um *ghâzel*, dá-se o nome de *metlâa*:—aos dois ultimos, o nome de *meqtâa*.

No plural, dá-se ao *qassida* o nome de *qassaieds*, que nós euphonisamos em *qassidês*.

O plural de *ghâzel* é *ghazels*.

Braga.

Pereira-Caldas.

UMA CRIANÇA

Botão de branca roseira,
Folha mimosa d'um lyrio,
Ainda és a alva cordeira
Do redil dos ceos; estrella
Desengastada do empyrio
Em fórra d'anjo mais bella.
Ai! se, um dia, as rubras flores
Do sangue do coração
Perfumarem os amores
Da ideal inspiração,
Que enche de perpetuas dores
As almas, na saudade
Da celeste claridade,
Do ethereo ninho de luz,
Que não seja o doce laço
Para ti, anjo formoso,
Do martyrio o estreito abraço,
O pendor amargo, ancioso,
Na hastera negra da cruz.

GUIMARÃES FONSECA.

CIDADE DE CAMALA

Na *Malta Portuguesa* de Fr. Lucas de Santa Catharina vem a inscripção seguinte:

IOVI
OPTVMO
MAXVMO
VICANI
CAMALO
C... IN

Jordano, Donati, etc, estudaram esta inscripção : e Jordano concluiu pela existencia d'uma cidade *Camala* ao norte de Coimbra, e d'ella distante vinte e quatro milhas.

Segundo Hübner porem (*Noticias Archeologicas*, pag. 20), não é possível restabelecer com certeza o nome de *vicus camaloc...*, de que erradamente Jordano quiz fazer uma cidade *Camala*.

O epigraphista italiano offerece duas interpretações das ultimas duas linhas.

Ou *camaloc(ei) in(teramnienses)*, ou *camaloc(ei) in(pensis suis)*.

Nas ruinas da Citania de Briteiros existem, entre os muitos fragmentos de louça, alguns marcados com ARG, outros assim C A L L, e um em que se vê o final da primeira e o começo da segunda marca, como que indicando *argilla de Camalo*.

Este *Camal* apparece formado claramente por um C, e dois AA, cujas hastes ligadas formam M, tendo a ultima haste um prolongamento indicando L.

Ora, esta notavel palavra vê-se tambem n'um pedaço de granito lavrado; e os seus labores, em risco e trabalho, semelham os da *pedra formosa*: o que lhes dá grande importancia.

Este *Camal* não pode ser aqui simples signal de ollaria.

Estes vestigios indicam pois um povoado *Camal*.

O nome é celtico sem duvida.

Na Britania encontra-se *Camalodunum*, hoje *Colchester*, capital dos *Trinobantes*, onde Claudio fundou uma colonia romana.

Evora.

GABRIEL PEREIRA.

No artigo anterior d'este nosso collaborador illustre, com o titulo *As Casas Circulares da Citania de Briteiros*, escaparam n'alguns n.ºs da *Borboleta* dois erros que se emendam:

Onde no fim do artigo se lê *casas de Gauls*, deve lêr-se *casas de Gaels*;—e onde se lê *cyttiae*, deve lêr-se *cyttiau*.

QUADROS DO CAMPO

(A minha esposa)

I

Ao fundo, uns altos montes azulados
Sobre um dos quaes assenta a branca ermida;
Em baixo, a aldeia onde palpita a vida,
Como em ninho d'amores enflorados.

Um ribeiro galgando alguns vallados
Fertilisa a campina agradecida,
Que o sol vivificante consolida,
Que mais anima os sonhos bem fundados.

Desce a encosta chiando agudamente
De tojo um carro grande carregado,
Tirado pelos bois, pausadamente.

Atraz o lavrador vai descuidado
Lançando ao valle os olhos de contente
Por ver crescido o trigo e bem medrado...

1877.

ALFREDO CAMPOS.

PASSADO, PRESENTE E FUTURO

(Conclusão)

De que recursos dispunha Portugal para resistir a tantos e vencer tão poderosos inimigos? Tinha allianças estrangeiras? Não. Os demais estados da peninsula tinham bastante de que se occuparem em sua propria casa, e todos tremiam ante Affonso VII de Leão, para poderem vir em seu soccorro. D'alem dos Pyreneus quem se lembraria de proteger um povo, que parecia destinado a viver eternamente oppresso? Ninguem, sem duvida; mas Portugal tinha a verdadeira força, a força moral que é superiora á material; tinha todos os seus filhos animados do amor da patria e da independencia.

Heroes como aquelles poucas nações contam nos seus annaes; feitos homericos, como os praticados pela independencia da patria, só Camões os poderia cantar.

A arvore da nossa independencia, plantada em solo regado pelo sangue dos que tinham lançado sua semente á terra, cresceu, medrou: e, enquanto o amor da patria fez bater o coração de todos os portuguezes, resistiu impavida a todas tempestades.

Para estes heroes, nascidos ao som dos combates, educados entre o fragor das batalhas, a guerra era a sua natureza, o amor da patria o seu unico amor.

Este paiz, que tão fraco e oppresso nascêra, tornou-se uma nação poderosa ante cujo nome tremiam todos os potentados da terra. Suas armadas cruzavam todos os mares, levando a religião, a civilização e o commercio aos mais remotos povos. As Quinas, tremulando impavidas nos mastros dos nossos navios, ou des-

fraldando-se altivas sobre as muralhas das nossas fortalezas, desafiavam, sem temor de serem abatidas, as mais poderosas armadas, os mais aguerridos exercitos.

Qual era a virtude que dava aos portuguezes o fogo guerreiro e os tornava invenciveis, quer no campo, quer na brecha, quer na terra, quer sobre as agitadas ondas? O amor da patria. Alem d'isto tinham fé, criam n'um Deus.

Que resta das nossas passadas glorias, das nossas crenças, das gerações varonis que eternisaram nosso nome? Apenas as tradições, um scepticismo sem exemplo, um povo sem moral, uma geração rachitica e degenerada. Dos portuguezes não existe senão o nome.

Assim como o sol, as nações têm o seu occaso. Chegado ao apogeu da gloria e das riquezas, tendo avassallado mil povos, assombrado o mundo, conquistado immensos paizes, Portugal começou rapidamente a decahir para a fatal inacção que o devia entregar, pés e mãos ligados, ao dominio castelhano.

Embragados pelo prazer da victoria, affeminados pelos gozos aziaticos, entorpecidos pelo ouro da India, os portuguezes perderam o seu patriotismo e trocaram a pezada espada de combate pelo delgado espadim da cõrte, o cheiro da polvora pela athmosphera pestilenta e corrosiva dos salões, o prazer da victoria pelos que lhes offereciam as riquezas, a ambição da gloria pelo ouro, os discursos guerreiros por madrigaes amorosos; trocaram em fim os elevados sentimentos que enobrecem a alma, pelos baixos e mesquinhos que a aviltam e enfraquecem.

Esquecidas no peito dos seus filhos as virtudes que fazem os heroes, Portugal perdeu a sua força moral e com esta a material. Abandonou suas possessões, que tanto sangue lhe tinham custado, e n'uma profunda e fatal embriaguez pendeu para o abysmo da escravidão.

O ultimo arranco da nossa potencia militar, o ultimo combate, onde então os portuguezes souberam mostrar-se dignos d'este nome, foi o da desastrosa jornada de Alcacer-Quibir. Morreram, mas com o rosto voltado para o inimigo; morreram como heroes.

Ainda assim, quantas vergonhas mancham esta pagina negra da nossa historia! Pela primeira vez os portuguezes fugiram ao perigo, pela primeira vez desertaram da sua bandeira. Mas os que foram ba-

teram-se como dignos filhos d'este paiz. Se a victoria não coroou nossa bandeira, se a flor da nossa nobreza ficou sepultada nos areaes da Africa, não foi d'elles a culpa.

Succederam-se-lhe 60 annos d'escravidão, d'opprobrio e vergonha. Portugal estendeu os pulsos aos grilhões castelhanos, manchou seu nome com uma cobardia, as paginas brilhantes e gloriosas da sua historia com as negras da escravidão.

Eis ao que a degeneração dos povos conduz as nações. Portugal que fõra grande e altivo em quanto seus filhos conservaram no peito as virtudes sobre as quaes se baseava a sua independencia, desceu até ao ultimo grau da degradação, quando estas virtudes se apagaram no coração dos portuguezes.

Um dia o povo despertou do lethargo em que jazera, e proclamou-se livre. As virtudes patrioticas, que apenas tinham estado adormecidas, armaram-lhe o braço e tornaram impotentes todos os esforços para reduzil-o novamente á oppressão.

Actualmente o paiz cae novamente para o abysmo d'onde se levantou em 1640, e ai d'elle se um braço potente o não detem á beira do precipicio!

A geração actual é afeminada, despidida de sentimentos nobres. Os prazeres das cidades corromperam os juvenis corações que, bem educados, poderiam ser de generosos e prestantes cidadãos. Os gozos sensuaes adulteraram o sangue, infiltraram-lhe um *virus* que o enfraquece. Finalmente a nova philosophia religiosa, matando nos corações o candido lyrio da fé, envolvendo-o nas duvidas do scepticismo, cerra-o a todas as aspirações gloriosas.

A sociedade caminha rapidamente para um abysmo. O scepticismo é a dissolução da sociedade, da familia; é a quebra de todos os laços sociaes.

A nova philosophia religiosa, insustentavel no terreno da discussão, apresenta-se com cores tão attrahentes e seductoras, occulta tão habilmente os seus fins, que insensivelmente penetra na alma do mancebo, avassalando-o primeiro, fazendo depois d'elle um apostolo das suas doutrinas.

Como consequencia da descrença religiosa vem o olvido dos deveres que nos impõe a patria. A religião é o sustentaculo da moralidade d'um povo; esta,

o da sua independencia. Como pode viver a sociedade sem os laços que unem entre si os seus filhos? Dissolver-se-ha infallivelmente, porque terminarão todos os pensamentos grandiosos, porque, aviltados, os homens só pensarão nos seus proprios e mesquinhos interesses.

Eis para onde estes reformadores sociais conduzem a sociedade que querem reformar. Vêem a desmoralisação espalhar-se por todas as classes; os escandalos domesticos, que todos os dias se descobrem, reclamando remedio; conhecem a causa d'este grave estado de cousas, que se não pode prolongar muito sem grave perigo para a sociedade, e persistem em trilhar o mesmo caminho! Isto não é cegueira ou ignorancia. A elevados talentos não se pode dizer que ignoram, ou que não vêem. Têm a restricta obrigação de ver e saber. E' a corrupção que lhes lavra nos corações querendo contaminar os que ainda se conservam puros de tantas vergonhas, de tantas baixesas.

Porto.

ARAUJO CARVALHO.

~~~~~  
**ANHELO**

|                                                                |                                                               |                                                             |
|----------------------------------------------------------------|---------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------|
| Dimana<br>d'Anna,<br>sim,<br>meu canto,<br>pranto e...<br>fim. | Seus lumes<br>numes<br>são,<br>que ao forte<br>morte<br>dão : | Aqueça<br>essa<br>cruz<br>meu rôgo,<br>fogo!<br>luz!;       |
| Tem ella,<br>bella<br>só,<br>encantos<br>tantos...<br>Oh!      | se lucha,<br>nuta,<br>cai,<br>soltando<br>brando<br>ai!       | na egreja<br>veja<br>eu<br>aberto<br>perto<br>o céo :       |
| se a trança<br>lança<br>no ar,<br>faz d'oiro<br>loiro<br>mar.  | Que ardente<br>sente,<br>vís!<br>seu gesto<br>mesto<br>diz.   | e eu tenha,<br>venha<br>sim!,<br>da morte<br>côrte,<br>fim. |

JOSÉ D'ORNELLAS.

~~~~~  
CARTA Á MINHA AMIGA VIRGINIA

(Continuação)

São pouco frequentes, Virginia, as esposas que sabem, ao lado de um mari-

do austero, harmonisar a affabilidade do seu sexo com a dignidade da sua posição; porque, ou demasiadamente condescendentes, se submettem a todas as suas imprudencias, como cordeiros debaixo do cutelo do algoz; ou, em extremo altivas, tentam, á imitação das feras, rebater despotismo com despotismo, tranformando assim o lar domestico n'um perfeito antro de furias, ou verdadeira estancia de crueis agonias. Digo antro de furias ou estancia de agonias, porque os filhos são outros tantos reflexos do caracter da mãe.

Nenhum portanto, d'aquelles papeis representará jamais a mulher que teve a desgraça de unir-se a um marido assim. Por mais desabrido e intoleravel que se lhe apresente, nunca ella se deixará penetrar da louca ideia de que deve empregar a força para tornal-o docil, porque a não tem para elle.

A só força que o homem reconhece em nós, e á qual raras vezes póde subtrahir-se, é a bondade do nosso coração, a lhaneza e serenidade do nosso espirito.

Por isso a esposa, qual Anjo da Guarda, a guiar o peccador errante, deve mostrar a seu marido, quando desvairado, a vereda que o conduzirá á solida felicidade por meio de tão claras, suaves e persuasivas razões, que elle, longe de oppor-lhes a menor resistencia, abraça agradecido os conselhos saudaveis, que ella meiga e eloquente acaba de prodigalisar-lhe.

Mas se o coração d'esse homem estiver por tal modo surdo ás vozes da razão que resiste a quanto houver de justo, e que julgando-se senhor absoluto da mulher a quem o ligaram, talvez só os vinculos do matrimonio, exija d'ella cega obediencia aos seus inauditos caprichos; então ella em vez de humilhar-se perante esse cobarde, que se colloca abaixo dos vermes, querendo receber da esposa a homenagem da escrava, revestir-se-ha d'uma nobre e varonil energia, e lhe representará que não tem sobre ella outra superioridade mais, que a que lhe deu a natureza ao formal-o o mais forte, e a que lhe dá a ordem social, elegendo o homem por seu primeiro representante, que nos deveres a cumprir são eguaes, e ao lado de seus filhos, havendo desigualdade é elle o inferior.

Depois, usando da auctoridade que as leis estabelecidas dão á esposa, cujos direitos são violados por seu marido, a dei-

xará livre e irá, sosinha, consagrar-se inteiramente á educação de seus filhos, esperando, com a tranquillidade de martyr resignada, que seu esposo exaustado na demanda de prazeres ephemeros, que o deixam sempre vasio e atormentado, venha procurar n'ella a paz que dulcifique o seu espirito, e a indiscriptivel ventura da familia, que preencha o vacuo do seu coração.

E ao vel-o de volta d'essa terrivel viagem, que teimoso é indiscreto empreheudeu, cheia de elevado affecto, saudando a aurora da regeneração de seu esposo, mais jubilosa ainda do que saudava o dia do seu noivado, estreitará em seus braços, não o homem que lhe cortou a alma com o agro fel da indifferença, mas sim o esposo que vem pedir ao anjo de seus dias lhe dê, n'um sorriso, o perdão das faltas que, fragil, commetteu, e que, arrependido, não poderá esquecer.

Mesquinha como a habitação do indigente, rude como a areia do deserto, e inculta como a flor do mato a minha intelligencia, na impossibilidade de comprehender, sequer na sua menor extensão, os altos deveres da esposa, e muito menos descrevel-os, tentou riscar-te o pallido esboceto que attingia, e nem isso pôde fazer.

Em vista de tão mau resultado, não sei que força invencivel, que desejo occulto a impelle, para querer fallar-te ainda sobre as obrigações de mãe, d'essa mulher, cujo nome pronunciado pelo Eterno e ensinado pelos anjos, encerra um poema mais bello e suave que a *Eneida* de Virgilio, mais energico e sublime que a *Odyssea* de Homero.

Mas sei. E' a veia invisivel do affecto que se prende do meu coração ao teu; é a voz eloquente da amisade que, exercendo sobre mim uma influencia irresistivel, me não deixa recuar ante difficuldades para satisfazer qualquer exigencia que me venha de ti.

Embora conheça que essas difficuldades, muito superiores ás minhas forças, irão tornar baldados todos os esforços que empregue para destruil-as, não importa.

Travando a lucta provo-te que quando me chamares tua amiga não empregas banalmente uma phrase que os pouco apreciadores da sua belleza tem tornado frivola e occiosa; mas usas do titulo que justamente deves dar-me, e eis o bastante para mim na falta da desejada victoria.

Mas não vás tu, Virginia, pensar, por

este dizer, que eu quero apresentar-te a mãe tal qual ella deve manifestar-se. Não. Longe de mim uma ideia que me submetteria ao maior e ao mais cortante dos ridiculos.

O que eu quero dizer-te d'essa representante da Divindade, nada mais é do que mostrar-te, á branda luz de uma alampada, a sumptuosidade de um grande templo, para que adquirindo tu, assim, a certeza da sua magnificencia, procures sufficiente claridade para bem a analysares; e é isso effectivamente o que creio não poderei conseguir; mas em fim vou tentar.

Tornando-se, Virginia, a dignidade de mãe uma posição de accesso tão facil quanto as suas funcções são de arduo desempenho, e mais ainda, sendo tantas mais vezes adquirida quantas menos é comprehendida, resulta d'aqui a prejudicial decadencia dos bons principios, e, por consequente, a corrupção moral da sociedade, que é infallivel, quando não tem por base uma educação pura, que só ou quasi só da mãe depende.

E que educação poderá esperar-se da mãe que nunca soube nem sabe medir o alcance do nome que a natureza lhe confere?

Como ensinará ella a seus filhos os deveres que tem a cumprir para com Deus, para com a sua familia, e para os homens em geral, não sabendo ensinar-lhe a extensão da palavra santa que deve abrir-lhe e cerrar-lhe os labios? Quanto era bom, Virginia, que o sexo fragil, antes de assumir a auctoridade maternal, procurasse estudar nas paginas do Evangelho os preceitos divinos prescriptos a essa auctoridade!

D'este modo o numero das mães tornar-se hia, sim, bastante diminuto por isso que não seriam muitas as mulheres que não vissem n'aquelles preceitos obrigações severas e quicá enigmas indecifráveis; mas essas poucas suppririam bem a falta das incompetentes, brilhando, verdadeiros soes, sobre o mundo, onde não deixariam agglomerar-se massas lodosas, para nutrimentos de vermes.

Monsão.

ZULMIRA E. A. DE SÁ.

NO ALBUM DE F. DE MENEZES

Album dizem ser = bouquet =
E cada folha uma flor;

Umam primam pelo arôma,
Outras por viço, ou por cor.

Mas um cardo entrar no ramo
Fica por força bem mal;
Nem me consta, mas emfim...
Fica um ramo... original.

VICENTE NOVAES.

SAUDAÇÃO A' VILLA DE CAMINHA

Caminha, villa formosa entre mil; berço que me viste nascer, e acariciaste os doces sonhos da innocencia; eu te saúdo.

Mimosa flor do jardim do meu Portugal, á beira mar plantado, tu desabrochas as tuas petalas radiantes de belleza ao esplendido sol peninsular. Como princeza que és, recibes o preito e homenagem do Minho e Coura que gostosos se te espraíam ás tuas plantas.

Presumpçosa, comotodas as bellas, revêste com orgulho, nas limpidas aguas do teu amplo porto.

Como Venus sobre a concha de nácar boiando á superficie das aguas, tu sobre a concha viridente de tua planicie, pareces adormentada ao suave murmurinho das ondas.

E quem se não ufanará de ser teu filho quando, ao percorrer os teus annaes, depara com os nomes tão illustres de Fr. Affonso da Gama, Barbosa Bacellar, Pita Lobo e Soares Rebello, varões conspicuos nas artes, nas letras, nas sciencias e na virtude?

E' proverbial a tua hospitalidade.

Com o sorriso nos labios e a franqueza d'alma que te é característica, recibes jubilosa os teus visinhos d'alem-rio. Mas ai d'elles se um dia forem infieis aos tractados da mais justa e santa alliança: por que verão de prompto converter-se os teus sorrisos em rispido semblante, os teus mirantes e belvedéres em reductos e bastiões; cada filho teu será um soldado que venderá cara a vida, cada soldado um heroe de antes morrer que ser pária.

Que os não animem as pedras derrocadas de teus velhos muros, com que outr'ora continhas na linha de respeito os inimigos da patria; porque os corações de teus filhos apinhados formarão muralha inexpugnavel onde virão debalde embater as balas de suas carabinas.

Desculpa-me, cara patria, esta expan-

são de patriotismo, e vós tambem, mimosos filhos da Hesperia; não provém do odio mas do muito amor que consagro á nossa e vossa felicidade, exaltado apenas pela superabundancia de sangue portuguez que me gira nas veias.

Como te apresentas seductora e magica, minha querida terra natal, a quem te contempla ás horas mortas do crepusculo, quando o sol, banhando-se no oceano, dardeja seus ultimos raios sobre as plagas occidentaes? Parece então ouvirem-se sons de harpa eólea desferidos pela brisa que varre a tua planicie.

A verde alfombra em que assentas esparge aromas que perfumando o ambiente inebriam os que em ti vivem. A côr sempre azul de teu formoso ceo apregoa bem alto a pureza de teus ares.

Como a chrysalida, rompestes o circulo de ferro de tua triplice muralha, para mais livre e louçã te espanejares pelos teus poeticos arrabaldes.

Se o stylo é o homem, se a litterara é um povo, com mais forte razão, podemos afirmar que a arte é a expressião mais completa do sentir d'uma epocha.

E' por isso que teu bello templo de sumptuosa architectura é uma prova irrefragavel da piedade de teus filhos. E' um livro de pedra em que elles gravaram em signaes indeleveis a sua crença e fé viva.

As suas arcadas sustentadas por columnas alterosas symbolisam a sua aspiração para um mundo melhor e invisivel.

E' este sem duvida o maior padrão de tua gloria, e que attestará ainda ás idades mais remotas a tua coragem e constancia.

O recorte caprichoso dos montes que te defrontam e em grande parte circundam, são como que um retabulo sumptuoso que mais e mais fazem rebrilhar os teus encantos.

O mar com seu monotono rouquejar, já tranquillo e placido como as aguas de um lago, já encapellado e iroso como a fera do deserto, a cada passo te rememora a omnipotencia e bondade de Deus.

Que mais te falta, princesa do Minho, senão a admiração de que és credora?

O grande invento do seculo, a veloz locomotiva, breve te porá em communicação facil com a capital do reino.

Era justo que tambem a maravilha do progresso viesse encurvar a frente ante a maravilha da natureza e da arte.

Será ella uma grande arteria de prosperidade e bem estar para teus dilectos; e tu, a surpresa de nacionaes e estrangeiros.

F. SANCHES.

A B. P.

O teu olhar, que seduz,
inspira vagos desejos...
Pereces feita de beijos...
Pareces feita de luz...

JAYME SEGUIER.

NUM ALBUM

A vida é como a arvore.

Os ramos, que olham para o ceo symbolisam esperanza; as raizes, que mergulham no solo, significam saudade. E do esperar e do sentir é que realmente se vive n'este mundo.

A mocidade espera, e porisso tambem ella é formosa. Mas a velhice sente, e porisso tambem ella é triste.

Sabendo esperar, nós saberemos um dia sentir. Não despresemos o passado, mas aproveitemos o presente. Pelo amor de filho se vae ao amor de pae.

Felizes os que teem familia, isto é, felizes os que amam, felizes os que são amados!

MAGALHÃES LIMA.

Lisboa.

ELLAS

(A Abel Nogueira)

Ellas são como estrellas, sempre inquietas.
A luz de seu olhar prende-nos mais
Que os brandos fluidos, castos ideaes,
Das suas bocas, timidias violetas!

E fallam-lhe d'amor os loucos poetas,
—Sonhadores de lucidos pombaes;
O' abelhas dos mysticos rozaes!
O' sombras peregrinas das Julietas!

Alguem as tem cantado noite e dia
Em estrophes sonoras d'alegria,
Em suspiros, em ais vindos do peito!...

Porem eu que sou gelo, e gelo eterno,
Sinto ao vel-as torturas d'um inferno...
Lembram-me um sonho meu, sonho desfeito!

Lamego.

FRANCISCO DE MENEZES.

ELVIRA

(Continuação)

Elvira contava apenas quinze primaveras e era uma joven formosa e sympathica, de rosto semi-rosado, bocca demasiado pequena e estatura esbelta e elegante. Os seus louros cabellos caiam-lhe em madeixas pelos hombros e os seus olhos mostravam os seus encantos na sua côr d'azul celeste.

Heitor, tinha dezeseis annos d'idade e era um rapaz de forte construcção. O seu rosto era moreno e os olhos pretos. Nas suas faces, sulcadas pela dôr, traduzia-se claramente a altivez de seu coração, que, apesar de generoso, era incapaz de se vergar ao peso d'um insulto.

Heitor, amava o desmaiar da tarde, porque era essa a hora, que elle tinha livre para os seus folguedos infantis; era então, que elle sentia um verdadeiro prazer. Ao lado sua amavel companhia, imaginava sempre um novo plano de entretenimento, para tomar alegres aquelles momentos de suprema felicidade para ambos.

Um dia, Heitor demorou-se mais do que costumava. Elvira, cansada de esperar, lá foi caminhando devagarinho em direcção a uma pequena collina, em cujo pinheiro se fazia reverenciar uma cruz de pedra, enlaçada de heras e violetas. Ahí, sentada n'um penedo, em posição meditabunda, com o rosto apoiado entre as mãos, pensava em alguma cousa, maisdo que nos entretenimentos.

O sol caminhava rapidamente para o seu occaso. As montanhas deixavam vêr o seu dôrso roxo e escarlate, illuminado pelos ultimos raios d'um sol de junho.

Heitor, só agora poderia sair de casa.

Com o coração carregado de nuvens de tristeza, lançou em volta da habitação de Elvira um olhar indagador. Duas grossas lagrimas lhe inundaram as faces: não vira a sua companhia de folguedos!... Desvairado, caminhou ávante; mas nada, nada via, que lhe confirmasse a esperanza, que

acalentava, de mais adiante encontrar a sua amada.

A tarde pareceu mais triste ao enamorado mancebo; o aroma das flores campestres causava-lhe nausea, as aves não cantavam como antes e o ceu não tinha a côr dos olhos de Elvira. Heitor, sentia em si o quer que era de melancolico e vago. Encostou-se a um carvalho frondoso e sentiu reviver uma esperança, já quasi desvanecida. Subiu á corôa da arvore, olhou em volta, alongou a vista pelas planicies, mas não viu Elvira! Depois, quando elevava a vista até o ceu, como querendo pedir-lhe uma revelação, olhou para a cruz da collina e soltou um grito de alegria, de prazer. Reconhecêra a mulher que amava!

Porto.

ARNALDO JOSÉ MARTINS.

CARAPUÇAS

II

Ha uns certos *mosquitos* de má morte, que se dizem—*Poetas-Oradores*, que impingem palavrões, que fazem dôres á testa mais sadia d'um... Mavorte!

Se apanham um infeliz, a quem a sorte seduz a versejar os seus amores... da toca saem logo os zumbidores e cedem-lhe de todo o passaporte!

Algum conheço eu d'essa phalange, que maldiz do João *de Deus* tambem! Poetas, Romancistas... tudo abrange!

Até no recitar... não ha ninguem como elle!... E se recita.. oh! ceus! constrange!.. Imita um *Zé-Pereira* ao longe... alem!!!

Porto, 77.

DAVID DE CASTRO.

D. JOÃO II

(Continuação)

Ao ouvir-se a musica de atabales e clarins, todos se pozeram em pé, e pouco depois dava el-rei entrada na sala, sen-

do precedido pelos porteiros com maças de prata, reis d'armas e passavantes com as suas cottas onde se grava o escudo do reino, o alferes mór com a bandeira real, o condestavel com o estoque desembainhado, e em seguida el-rei D. João II, que traz pendente dos hombros a opa roçagante de brocado, cingindo-lhe a fronte a corôa real, e sustentando na dextra o sceptro de ouro.

Alguns fidalgos com officios na sua casa, e diversos pagens, fechavam o prescrito real.

El-rei, subindo com firmeza os degraos do throno, contemplou por instantes os representantes da nação, e a um signal seu tomaram todos assento, reinando profundo silencio.

Era imponente o aspecto da sala n'este momento solemne, em que el-rei via em volta do seu throno os legitimos representantes da nação.

Nós hoje, distanciados d'aquella época por um largo estadio de quatro seculos, e livres das paixões que dominaram os homens de então, podêmos com desassombro aquilatar á face da historia cada um dos vultos que figuravam n'aquelle reinado, tão fertil de notaveis acontecimentos.

Assim pois vemos que a reunião das côrtes, convocadas por el-rei D. João II, se por um lado era uma prova da harmonia que elle ao inaugurar o seu reinado desejava houvesse entre si e a nação, era tambem por outro o vehemente desejo que nutria, de privar a nobreza de alguns de seus antigos privilegios; e dar-lhe a conhecer, que não estava disposto a seguir o caminho de seu pae Affonso V.

Aspirando á unidade monarchica, entendeu que o melhor meio de conseguir esse desejo era alliar-se ao povo, animando-o por meio de seus intermediarios a formular as suas queixas contra a nobreza, e promettendo-lhes o seu apoio.

Não desconhecia a nobreza a má vontade que lhe tinha o soberano; mas confiada no seu imenso poder e força, esperava que afinal fosse el-rei quem tivesse de se curvar. E nesta doce esperança em que se embalava, mostrava claramente que ignorava o caracter severo e firme de que era dotado D. João.

Braga.

SOARES ROMEO JUNIOR.